



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Março

Nº 398

Da Invasão de Putin a Uma Revolução Estratégica

Bruno Cardoso Reis ISCTE-IUL (Portugal)

There is not a diplomatic tradition which has not been swept away (Não há tradição diplomática que não tenha sido varrida) - Benjamin Disraeli (1871)

A cabou definitivamente o pós-Guerra Fria e o período da unipolaridade dos EUA. Vivemos o prego do retraimento estratégico norte-americano e da crescente agressividade das grandes potências revisionistas. Mais, um sistema multipolar é propenso a incertezas e um período de transição de poder é propenso a crises militarizadas. A invasão da Ucrânia pelas Forças Armadas de Putin a 24 fevereiro de 2022 – depois de semanas de negociações de máfé e desinformação flagrante por parte do Kremlin – tem a relevância de ser a maior operação militar na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Sobretudo, tem a relevância de uma significativa escalada na agressividade da Rússia e de uma significativa dependência desta última relativamente à China como, cada vez mais, a sua boia de salvação económica. A aposta de alto risco do líder russo tem como objetivo declarado a transformação da Ucrânia num satélite de Moscovo, no modelo da Bielorrússia. Se o conseguirá atingir dependerá dos resultados da campanha no terreno e do custo internacional e interno que sofra. Mas é possível apontar algumas das principais implicações deste evento transformador no campo da segurança e defesa.

1. O princípio da incerteza. Quem afirma ter certezas quanto ao que se vai passar nos próximos meses e anos ainda não percebeu que um conflito armado é uma interação dinâmica com muito espaço para o erro e o acaso. Mais, muito depende das opções solitárias do autocrata Putin. O que é claro é que a invasão russa representa uma escalada perigosa. Fatores cruciais de evolução incerta incluem desde logo perceber qual a robustez da resistência armada ucraniana e qual a real capacidade das forças russas do Kremlin. Incluem também a questão da durabilidade e do nível de ambição final da frente unida ocidental na guerra económica contra Putin. Bem como saber qual será a posição final da China, que oscila entre mostrar alguma solidariedade com a Rússia, e o apelar ao fim rápido e negociado do conflito; afinal, convém a Pequim manter os EUA e as potências ocidentais ocupadas longe, mas o impacto de um conflito prolongado será altamente desestabilizador nomeadamente da economia global.

2. Uma revolução estratégica. Há que ter prudência e verificar se as tendências esboçadas e as medidas anunciadas se concretizam. Mas um simples regresso ao status quo parece impossível. A invasão de Putin uniu a Europa de uma forma que não se via desde o início da Guerra Fria, reforçando a NATO e militarizando a UE. O susto provocado pelo aventureirismo armado do Kremlin leva logicamente ao rearmamento em grande escala dos países europeus. O melhor indicador desta revolução é a Alemanha. Esta potência tradicionalmente relutante anunciou ir agora triplicar o seu investimento em defesa. Serão também dados passos acelerados para reduzir drasticamente a dependência energética europeia face à Rússia. E os EUA, fortemente inclinados a dar prioridade na sua grande estratégia ao Indo-Pacífico e à contenção da China, encontram-se, afinal, num dilema próximo do que enfrentaram nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, como lidar com duas potências revisionistas agressivas em duas regiões em polos opostos do Mundo, ambos vitais para os interesses norte-americanos. O Japão militarista e a Alemanha nazi da década de 1930 foram substituídos pelo nacionalismo agressivo da China comunista e pelo novo imperialismo militarizado da Rússia de Putin. Pela sua dimensão e recursos esta A Guerra na Ucrânia março 2022 combinação é até potencialmente mais ameaçadora. Devem os EUA confrontar ambas as potências em nome de grandes princípios, ou, como fez Nixon, pragmaticamente, tentar dividi-los?

3. O regresso das grandes guerras convencionais? Não há regressos ao passado exceto no cinema. É claro que para conquistar e ocupar território continuam a ser necessárias grandes operações convencionais. Foi assim, também, com a fase inicial da invasão do Iraque pelos EUA, em 2003. Mas a resposta ucraniana à invasão russa não tem sido convencional. Também não é claro que o ataque russo tenha sido apenas ou continue a ser puramente convencional – pelo menos ao nível da desinformação e dos ataques à internet, embora com muito menos eficácia do que se poderia esperar, mostrando que ocidentais e ucranianos têm capacidade de resposta. Mostrando que, se convém não subestimar o adversário, também importa não o sobrestimar, comprando a sua propaganda. A tão afamada doutrina Gerasimov de guerra híbrida é em grande medida uma tentativa de adaptação russa a mudanças doutrinais profundas nos países ocidentais. Mais, claramente, não resolve todos os problemas de eficácia do Estado russo. Concluimos, portanto, que a opção pelos conflitos assimétricos, por táticas irregulares – inclusive na disputa do espaço aéreo com o recurso a mísseis portáteis e a drones – mantém a sua lógica num período de grandes assimetrias de poder. Sobre o desfecho do conflito armado no terreno é ainda cedo para fazer previsões firmes, embora, tendencialmente, o seu arrastamento favoreça a resistência irregular face à ofensiva regular. Porém, como procurámos mostrar, alguns aspetos do seu impacto transformador na estratégia e na política globais começam já a esboçar-se.

VULTO DA PÁTRIA

- VISCONDE DA PENHA -

MARECHAL JOÃO DE SOUZA DA FONSECA COSTA (1823-1902)
O HERDEIRO DA ESPADA DE CAMPANHA DO DUQUE DE CAXIAS

Cel Cláudio Moreira Bento e Luiz Ernani Caminha Giorgis



No Rio de Janeiro (RJ) em 30 Abr 1823, nascia o menino que se chamaria João de Souza da Fonseca Costa, filho do Marechal Manoel Antônio da Fonseca Costa - Marquês da Gávea, e da senhora Maria Amália de Mendonça Corte Real.

O Marquês de Caxias referiu-se a este esquecido personagem da forma abaixo, como registrado no livro Caxias e a Unidade Nacional (Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2003), quando tratamos do Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército e cópia fiel em escala da invicta espada de seis campanhas do Patrono do Exército e da extinta Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

Herói esquecido que, como tenente, foi o Ajudante de Ordens de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e, como coronel, o seu Chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai (1865-70).

- Marechal João de Souza Fonseca Costa -

“Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo, transmitindo minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação dos riscos e perigos decorrentes”.

Tanto era o apreço de Caxias pelo então Barão da Penha que no testamento (1874), assim manifestou sua vontade e consideração ao seu heroico Chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai:

“Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho João de Souza Fonseca Costa, como sinal de lembrança, todas as minhas armas, inclusive a espada com que comandeí seis vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, com os arreios melhores que tiver no momento de minha de minha morte”.

O Marechal de Exército e Visconde da Penha foi esquecido e permanecia sob a pátina dos tempos, de onde o revisitamos em homenagem a Caxias que, pioneiramente, sonhou, segundo o historiador e acadêmico da FAHIMTB Cel Amerino Raposo Filho, com uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira genuína quando Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros. Ocasão em que adaptou às realidades operacionais sul-americanas, as quais vivenciara, a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influência inglesa, feita para as realidades europeias. E enfatizou Caxias:

“...até que o Brasil disponha de uma Doutrina Militar Terrestre genuína”. Um sonho já realizado.

Assim, revelamos a vida do notável soldado, que partilhou com Caxias todas as glórias conquistadas.

Fonseca Costa foi patrono de cadeira especial da FAHIMTB como o pioneiro das Comunicações em combate, a serviço do Exército Brasileiro em Operações.

João de Souza nasceu no Rio em 30 Abr 1823 e faleceu em Paris em 09 Jan 1902, para onde emigrara acompanhando no exílio a Família Imperial, decorrente da Proclamação da República, e levando com ele a invicta espada de Caxias.

Cursou a Escola Militar do Largo de São Francisco, bicentenária em 2011 e focalizada no livro: 2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar a Academia Militar das Agulhas Negras (Resende: AHIMTB, 2010).

Fonseca manteve consigo a espada por 12 anos. Em 1902 a relíquia, que figura no brasão da FAHIMTB, retornou ao Brasil, tendo ficado com o Contra-Almirante Caetano Taylor da Fonseca Costa (neto), oficial que, num gesto de nobreza e patriotismo doou-a, em 1925, através do Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Em 1930, o Cel José Pessoa, comandante da Escola Militar do Realengo, copiou-a, com apoio do Ministro da Guerra Gen Leite de Castro criando, à sua semelhança, em miniatura, o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército, para que

“Caxias, O Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Exército, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr”.

No Largo do Machado, Praça Duque de Caxias, defronte à casa onde residiu o Visconde da Penha teve lugar, em 16 Dez 1932, junto à estátua de Caxias (hoje defronte ao Palácio Duque de Caxias, Av. Rio Branco, Rio) a primeira entrega do Espadim aos cadetes do Exército. Cerimônia que detalhamos em “Histórico da Espada e do Espadim de Caxias” em nosso já citado Caxias e a Unidade Nacional (p.175/181) e em artigo “O espadim dos cadetes do Exército, histórico, tradições e simbolismo” na Revista do IHGB (nº 326, p. 93/105, jan/mar 1980).

E do IHGB, onde se encontra há 95 anos, somente de lá saiu levada por oficiais do Exército (sócios do Instituto), com pompa e circunstância.

A primeira vez, até a Escola Militar do Realengo, em 1939, levada pelo historiador Major Jonas Correa e colocada defronte ao Corpo de Cadetes, formado, e tendo ao lado a espada do General San Martin.

A segunda e terceira vez por este autor levada, na condição de instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras e de sócio do IHGB, no comando de uma Guarda de Honra e Segurança integrada por Cadetes, do Rio à Resende. Em 1978, em homenagem ao Presidente João Figueiredo, o primeiro detentor do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da República.

Finalmente, em 1980, no Centenário da morte do Duque de Caxias, comemorado nacionalmente na AMAN.

João de Souza da Fonseca Costa foi casado com a senhora Maria da Penha de Miranda Montenegro, nascida em 26 Fev 1835. O casal teve cinco filhos, Maria Amália da Fonseca Costa, Maria Eliza, Maria Eugenia, Maria Balbina da Fonseca Costa e Marianna Violante.

Outros dados biográficos: o casamento foi entre primos; era Bacharel em ciências físicas e matemáticas pela Escola Militar; Marechal do Exército; Conselheiro de Guerra; Comandante do Corpo do Estado-Maior de 1ª classe; Ajudante de campo de S. M. o Imperador; Grande do Império; Veador de S.M. a Imperatriz; Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial; Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro; Grã-Cruz da Imperial Ordem de São Bento de Aviz; Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Comendador da Ordem de Cristo. Era condecorado com as medalhas do Uruguai, de 1852, da Campanha do Paraguai e do Mérito e Bravura Militar; foi Barão da Penha por Decreto de 10/06/1874 e Visconde da Penha com Grandeza por Decreto de 20/06/1888.

O Marechal de Exército e Visconde da Penha, ao contrário de seu pai, o Tenente-General Manoel Antônio da Fonseca Costa, Marquês da Gávea, não foi focalizado pelo Capitão Alfredo Manoel da Costa Pretextato Maciel na obra **Generais do Exército Brasileiro de 1822 a 1889, 2ª edição**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940. II volume. E nem focalizado em outras sínteses biográficas de generais do Exército Brasileiro no Império e nem em livros de outros autores. Só foi focalizado por

Laurênio Lago em **Os Generais do Exército Brasileiro - 1860 a 1869** (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 62 ss), conforme sintetizamos ao final sua carreira militar.

Pesquisando fontes diversas conclui-se, relativamente ao nosso esquecido herói, consagrado patrono de cadeira especial da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que ele foi pioneiro em Comunicações, em combate, a serviço do comandante do Exército Brasileiro, em duas guerras externas. E na guerra do Paraguai, de Tuiuti até a entrada vitoriosa do Exército Aliado em Assunção, ao comando de Caxias.

O Visconde da Penha era filho do Marquês da Gávea, o Marechal do Exército Manoel Antonio da Fonseca Costa, que fez carreira na Cavalaria, no hoje Regimento dos Dragões da Independência de Brasília. Ele comandou um esquadrão e atuou no combate à Confederação do Equador em 1824, ao comando do pai de Caxias, o então Coronel Francisco Lima e Silva, seu parente. E a seguir foi seu Ajudante de Ordens, em 1828, no Comando das Armas de São Paulo.

Com a Abdicação de Dom Pedro I, foi Ajudante de Ordens do tio de Caxias, o Visconde de Magé, que comandara o Batalhão do Imperador e o Exército Libertador da Bahia em 1824.

Na Revolução Liberal de São Paulo, em 1842, atuou como Ajudante de Ordens do então Barão de Caxias e como encarregado de 'Detalhe' (nome de Boletim Interno da época).

Seu filho João viria a ser o Ajudante de Ordens de Caxias, no posto de Tenente, na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e seu Chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai.

Vê-se a estreita ligação dos Fonseca Costa com os Lima e Silva. A mãe de João era a Marquesa Maria Almeida de Mendonça de Corte Real.

João se casou com D. Maria da Penha de Miranda Montenegro, sua prima, filha dos Viscondes de Vila Real da Praia Grande.



Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar do Largo de São Francisco, bicentenária em 2011 (início). E por nós focalizada em nosso livro 2010-200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras. (Resende: AHIMTB, 2010).

Ao lado, a esposa do Visconde da Penha, a Viscondessa da Penha D. Maria da Penha de Miranda Montenegro.

Por ações em campanhas militares o Visconde da Penha foi agraciado com as medalhas da Campanha do Uruguai de 1852, a da Guerra do Paraguai 1866-68 e mais a Medalha do Mérito, ao deixar o Teatro de Guerra com Caxias em 1869.

Foi Conselheiro de Guerra junto com seu pai, Comandante do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe, Ajudante de Campo do Imperador D. Pedro II, titulado Grande do Império, Veador de S.M. a Imperatriz, Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial, Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro, Grã Cruz da Imperial Ordem de São Bento de Aviz, Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

O Visconde da Penha escreveu os seguintes trabalhos:

- **Compromisso da Irmandade Santa Cruz dos Militares.** Rio de Janeiro 1853, 49 páginas e também assinado por Antônio Manoel de Mello, Conrado Jacob Niemayer e José Gonçalves Victória;

- **Projeto e Regulamento para prisões militares.** Rio de Janeiro, 1847 – (32 páginas com 2 tabelas);

- **Prisões Militares.** Rio de Janeiro, 1847;

Caxias e seu Chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai solucionaram o problema de Prisões Militares em campanha. Encontraram-nas em acampamentos, cuja vigilância e guarda era um suplício para os encarregados de as vigiar e guardar e evitar fugas, que ocorriam com frequência, com as punições decorrentes aos seus guardas. Em decorrência, Caxias adotou o sistema de prisões em navios de nossa Marinha.

- **Posição das Forças imperiais por ocasião da ação de Ponche Verde.** Trabalho que escreveu quando participou como jovem oficial da pacificação da Revolução Farroupilha (o IHGB possui o original em aquarela que lhe foi doada pelo Imperador D. Pedro II).



Ao lado, a invicta espada de seis campanhas do Duque de Caxias que levamos até a Academia Militar das Agulhas em 1978 e 1980, no comando de uma Guarda de Honra e de Segurança integrada por cadetes, nas cerimônias comemorativas à homenagem ao Presidente João Figueiredo e do centenário da morte do Duque de Caxias, ali comemorado nacionalmente.

O Marques da Gávea, o Ajudante-General do Exército de 1872 a 1888

O Marquês da Gávea era o Ajudante General do Exército em 1888, na ocasião em que o Clube Militar, através de seu Presidente, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, enviou protesto contra o uso do Exército como Capitão de Mato, na perseguição de escravos fugidos. Protesto que equivaleu à Abolição de fato da Escravatura, proclamada de direito pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Isabel, a partir deste momento consagrada como a Redentora, e o Exército por algum tempo, de Redentor. Razão de algumas vezes denominarmos o Clube Militar de A casa da Abolição e da República, desde que ali, em 1987, em seu Centenário, fomos o seu Diretor Cultural e de sua Revista.

Estudamos o Marquês da Gávea em nosso citado livro **Caxias e a Unidade Nacional**. p. 97/99. E nele a função de Ajudante-General do Exército, criada pelo Marquês de Caxias em 1855. Função que em realidade comandava o Exército e diretamente a Guarnição da Corte. Cargo que o Marquês da Gávea exerceu de 1872 -88, por 16 anos, período em que ocuparam o Ministério 19 ministros, e dentre eles o Duque de Caxias, General Osorio, General Câmara, Barão de Loreto (o fundador da Biblioteca do Exército) e Tomaz Coelho (o criador do Colégio Militar do Rio de Janeiro). E o Marquês da Gávea se projetou na execução das obras destes 19 ministros conservadores ou liberais, no Ministério de Guerra. Existia no Refeitório de Oficinas da 1ª Região Militar até 1989 dois óleos enormes, lado a lado. Um do Duque de Caxias e outro do Visconde da Gávea.

O Contra Almirante Caetano Taylor da Fonseca Costa que doou a invicta Espada de Caxias em 1925 ao IHGB, era filho do magistrado João Manuel Fonseca Costa, nascido no Rio em 09 Jun 1851, quando o pai estava no Uruguai como Ajudante de Ordens de Caxias e falecido em São João Del Rei, em 28 Abr 1907 aos 56 anos. A mãe de Caetano era Adelaide Matilde Taylor descendente do Almirante João Taylor, comandante da Fragata Niterói na Guerra da Independência da Bahia em 1824 e que teve como piloto praticante o mais tarde Almirante Tamandaré, o patrono da Marinha de Guerra do Brasil e do 6º Grupo de Artilharia de Campanha em Rio Grande-RS. Caetano Taylor integrou a guarnição do encouraçado São Paulo em operações na 1ª Guerra Mundial.



Ao lado, o Visconde da Penha, no seu último retrato tirado em Paris e que me foi fornecido pelo acadêmico citado D. Beto. Ao lado o seu brasão.

A Princesa Isabel, em seu precioso documento auto-biográfico publicado em 15 de maio de 1949, sob o título **Alegrias e Tristezas**, menciona que o Visconde da Penha, às 10 horas de 15 de novembro de 1889, foi o primeiro, junto com o Barão de Ivinhema, a dar notícia à Família Imperial de estar ocorrendo no Rio o movimento que culminou com a Proclamação da República. E que durante este difícil momento o

Visconde da Penha permaneceu junto ao Imperador. E que, por ocasião do embarque do Imperador para o exílio, acompanhou-o até o Cais Faroux. E mais tarde em Paris visitou a Princesa Isabel, que incluiu o Visconde da Penha e família neste agradecimento:

"de tanto devotamento, na aflição destes terríveis dias, a minha melhor saudade e simpatia sincera".

Cumpriu assim com devotamento e lealdade as suas funções de Veador (secretário) da Imperatriz Tereza Cristina e Ajudante de Campo (secretário) do Imperador D. Pedro II

Foi fiel até o fim a sua função de Veador da Imperatriz e a de Ajudante de Campo do Imperador D. Pedro II. Concluímos este resgate com uma síntese de sua vida militar no serviço ativo por cerca de 49 anos de efetivo serviço.

Síntese da carreira no Exército do Visconde da Penha 1841- 1842-1890

Ingressou no Exército como voluntário em 19 Mar 1842 com 19 anos, sendo reconhecido 1º cadete em 20 Ago 1842, contando antiguidade de 6 de março 1841, data de sua matrícula na Escola Militar do Largo de São Francisco.

Foi destacado, em 02 Dez 1842, para o Rio Grande do Sul, em plena Revolução Farroupilha, sendo nomeado Alferes em comissão para o 2º Batalhão de Fuzileiros, por ato do Barão de Caxias, presidente da Província e Comandante do Exército em Operações que a pacificaria em 1º Mar 1845.

Em 11 Mar 1842 foi promovido a Alferes Aluno e a 2º Tenente três dias depois e a 1º tenente em 23 de julho de 1843.

Integrou o Destacamento do 1º Batalhão de Artilharia a Pé enviado a Bahia em 26 Dez 1845, onde permaneceu pouco mais de 2 meses, retornando ao Rio para concluir seu curso na Escola Militar.

Em 13 Set 1847 foi nomeado Ajudante de Ordens do Comandante das Armas da Corte, depois de concluir seu curso de Engenheiro, tendo apresentado seu Diploma de Bacharel em Matemática em 5 Jan 1848.

Em 21 Jun 1851 seguiu para a Província do Rio Grande do Sul, como Ajudante de Ordens do Barão de Caxias, comandante do Exército em Operações na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52).

Em 24 Mar 1851 foi classificado por Decreto no Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe.

Promovido ao Posto de Capitão em 19 Jun 1852, decorrido cerca de 4 meses do final da citada guerra. Em 10 Jul de 1852, foi nomeado Ajudante de Ordens do Comandante das Armas da Corte.

Em 21 Fev 1855 foi servir na Bahia com seu pai, o Brigadeiro Antonio da Fonseca Costa, como seu Ajudante de Ordens.

Em Dez 1856, foi promovido a Major por Merecimento, aos 33 anos, e foi nomeado em 13 Fev 1857, Assistente do Ajudante-General do Exército.

Em 02 Dez 1861 foi promovido a Tenente-Coronel por merecimento e, em 01 de junho 1865, foi nomeado comandante interino da Província de Santa Catarina.

Em 28 Jan 1866, durante a Guerra do Paraguai, foi promovido a Coronel por Merecimento aos 43 anos, sendo em 16 Mar 1866 nomeado interinamente para o cargo de Quartel Mestre General. Era a cúpula, na época, do hoje Serviço de Intendência.

E em 10 Out 1866 passou a disposição do Marquês de Caxias, Comandante e Chefe de todas as forças do Império em Operações contra o Governo do Paraguai, sendo nomeado Chefe do Estado-Maior de Caxias, em 11 Nov 1866.

Foi promovido a Brigadeiro em 10 Jan 1868 com cerca de 45 anos, tendo sido elogiado por *"haver se portado com galhardia no ataque ao forte Estabelecimento em 19 fev. 1868, pela ajuda que prestou na execução das ordens que recebeu antes e depois do combate"*.

O Marquês de Caxias em sua Ordem de Dia 19 Jan 1869 lhes fez o seguinte elogio, antes de se retirar do Teatro de Guerra depois de conquistado o objetivo político da Tríplice Aliança Brasil-Argentina-Uruguai:

“Não posso nem devo deixar de fazer expressa menção do Brigadeiro João de Souza Fonseca Costa, pela inteligência e dedicação completa com quem desempenhado constantemente as ordens e os variados deveres do elevado cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, prestando-me em todas as ocasiões a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido do seu alto emprego, não só na marcha regular de todos os ramos do serviço público a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre ao meu lado, recebendo e transmitindo minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes”.

Em 16 Fev 1869 apresentou-se a repartição do Ajudante General vindo do Teatro de Guerra com seu comandante, o Marquês de Caxias.

Em 30 Mai 1869, decorrido cerca de mês e meio, retornou ao Teatro de Guerra acompanhando o novo comandante das Forças do Império em Operações contra o Governo do Paraguai, o Marechal Gastão de Orleans e Conde D’Eu. Personagem que estudamos na **História da Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército – AD/6 - Artilharia Marechal Gastão de Orleans** (Porto Alegre: AH-IMTB/Promoarte, 2003), em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Obra apresentada pelo Gen Bda Gilberto Arantes Barbosa, então comandante da AD/6.

Apresentou-se no Rio de Janeiro em 22 Jul 1869, licenciado para tratamento de saúde.

Foi incluído nas felicitações que a Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul fez ao Exército e Armada em 13 Jul 1869.

Em 17 Mai 1870, finda a guerra do Paraguai, foi nomeado Comandante do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe do Exército.

Em 30 Ago 1870 foi encarregado de organizar o Almanaque Militar. Em 16 Nov 1870 foi nomeado membro da Comissão de Promoções como encarregado de organizar o quadro de preenchimento de vagas existentes no Exército e a escala de promoções.

Em 16 Fev 1871 foi nomeado Ajudante General interino em substituição a seu pai. Por cerca de mês e meio, assumiu o Comando Geral do Estado-Maior de 1ª Classe. Ajudante General era a maior função no Exército. Comandava direto a guarnição da Corte e todos os comandos de armas provinciais. Função criada pelo Marquês de Caxias em 1855, substituída pelo Estado-Maior do Exército em 1896.

Em 20 de Jul 1876 foi promovido a Marechal de Campo (equivalente a General de Divisão).

Em 7 Ago 1880 foi promovido a Tenente General graduado (equivalente a General de Exército) aos 57 anos. Foi efetivado neste posto em 13 Jan 1883.

Em 9 Ago 1888 foi nomeado Conselheiro de Guerra, tomando assento no Conselho de Guerra junto com seu pai. E ironicamente eram chamados de “gravatas de ouro”.

Em 31 Jan 1890, em decorrência da Proclamação da República foi reformado a pedido, tendo a seguir ido residir em Paris onde faleceu em 9 Jan 1902. Prestara ao Exército cerca de 49 anos de efetivo serviço.

E assim devolvemos ao culto da História do Exército de ontem, de hoje e de sempre a figura do Visconde da Penha, que acreditamos tenha sido o maior amigo e colaborador de Caxias em nossas lutas externas de 1851 a 1869.



Os Labirintos de Putin

Luís Valença Pinto, General do Exército Português, Professor da UAL e Investigador do OBSERVARE.

A eventualidade de uma invasão russa à Ucrânia parecia algo de muito improvável e aquilo a que se foi assistindo no processo de escalada para o conflito era tido como gesticulação. Eram quatro os argumentos principais. Em primeiro lugar a convicção que na Europa do presente a Guerra, sobretudo uma guerra de conquista, era uma opção tão absurda que era legítimo descartá-la como hipótese. Depois, e reforçando o aspecto anterior, a dificuldade em descortinar num tal cenário, quaisquer eventuais objetivos políticos ou estratégicos da Rússia que pudessem ser tidos como razoáveis.

Desse entendimento constitui exceção a garantia de uma efetiva autonomia das regiões de Donetsk e de Luhansk, visando a proteção das populações russas, russófonas e russófilas que aí habitam, incluindo a salvaguarda da sua identidade cultural, mas sempre num quadro de inviolabilidade das fronteiras políticas e jurídicas do Estado ucraniano.

Terceiro fator: a caracterização que a Rússia justifica. A Rússia tem o maior arsenal nuclear estratégico do Mundo. É também certo que detém um extraordinário volume de recursos energéticos, na base dos quais foram criadas em muitos Estados europeus – com a Alemanha na linha da frente – situações de dependência e de vulnerabilidade. E que, designadamente nas duas últimas décadas, a Rússia tem evidenciado uma diplomacia particularmente dura e hábil. Mas também é fato que a Rússia tem uma economia débil, sobretudo se relacionada com a sua área, população e recursos, que o país tem grandes desequilíbrios em matéria de desenvolvimento económico e social e que, apesar da forte e ilegítima repressão, vai crescendo o desconforto e a contestação popular em relação ao caráter despótico do regime e à teia de oligarcas e cleptocratas que o têm mantido e sustentado.

Talvez seja razoável afirmar que tudo isso estava certo. Mas, todavia, a Rússia invadiu a Ucrânia. Na base da falha dessa avaliação estarão provavelmente três razões. A primeira, a ilusão quanto à improbabilidade da emergência de guerras na Europa. A segunda, a insuficiente avaliação que generalizadamente era feita de Vladimir Putin, que era reconhecido como iliberal e autocrático, e como determinado, mas racional. Mesmo perante os seus desmandos em relação ao Direito Internacional – Geórgia, Crimeia, Leste da Ucrânia – e as suas práticas repressivas na ordem interna.

Hoje o Mundo tem perante si a visão factual do atual líder russo como alguém desprovido de escrúpulos, indiferente ao sofrimento humano, obstinado, e mentiroso até ao ponto de confundir as suas construções falaciosas com a verdade. Alguém que esgrime perante a Humanidade a ameaça nuclear. Um personagem cujo lugar na Sociedade Internacional é o de pária muito perigoso! Um sinal do labirinto em que Vladimir Putin se enredou está na própria campanha de invasão que concebeu. Desde logo pela inexistência de objetivos plausíveis de serem legitimamente sustentados, salvo e mediante diligências diplomáticas, quanto às autonomias de Donetsk e Luhansk.

A manobra russa só pareceu ser clara e conseguida em relação ao reforço dos separatistas ucranianos e à anulação da aviação e defesa aérea ucranianas. Mas equivocou-se quanto ao valor e ao destemor da liderança e da capacidade de resistência dos ucranianos, quanto à facilidade em conquistar Kiev e lá instalar um regime fantoche, quanto à capacidade para negar o acesso da Ucrânia ao mar e quanto à viabilidade de ocupar o país, assegurando ordem, ainda que apenas aparente. E, surpreendentemente, também se enganou quanto aos domínios ciber e comunicacional. Tal não se esperava de uma Rússia campeã de ciberataques, de desinformação e de fake news.

No quadro geral esta agressão também redundou em muitos equívocos, autênticas derrotas:

- recriou a noção de Ocidente;
- revitalizou a Aliança Atlântica;
- fortaleceu a unidade e coesão da União Europeia; março 2022
- revigorou uma identidade espontânea e fácil ente os EUA e a Europa;
- ampliou o caminho para uma maior autonomia estratégica europeia, preservando o vínculo transatlântico;
- criou a possibilidade de a Suécia e sobretudo a Finlândia, solicitarem a adesão à NATO;
- fez quebrar tabus históricos na Alemanha e uma neutralidade que se diria “genética” na Suíça;
- consagrou a Ucrânia como um Estado do Ocidente, hoje num lugar cimeiro na “geografia do coração” dos europeus e, portanto, com um caminho facilitado para aderir à UE e, eventualmente, à NATO;
- consolidou o aumento dos investimentos em Defesa até 2% do PIB;
- pôs os europeus numa rota de subtração à dependência energética russa, desde já suspendendo o Nordstream 2 e, enquanto não se concretiza uma transição energética, abrindo as portas ao reforço energético da Europa, em particular a partir dos EUA;
- patenteou que para a China a relação sino-russa admite conveniências, mas não é especialmente forte quanto a compromissos;
- colocou a Rússia na condição de “orgulhosamente só”, apenas acompanhada pela Bielorrússia, Coreia do Norte, Eritreia;
- causou indiscriminadas perdas de vidas e um extenso sofrimento, tanto entre os ucranianos como entre o seu próprio povo;
- excluiu a Rússia dos mercados financeiros e comerciais mundiais;
- promoveu a reação de muitas das maiores empresas do Mundo, cortando, ou pelo menos cerceando, o acesso russo a bens e a tecnologia;
- gerou unânimes e gravosas sanções económicas orientadas para a oligarquia e instituições financeiras que têm suportado o regime; e
- estimulou a contestação na população russa.

Talvez venha a ser da ação, não necessariamente concertada, de oligarcas descontentes e da população russa, que venha a solução: uma mudança de liderança e o regresso da Rússia à sociedade internacional, como um Estado respeitador dos Direitos Humanos e do Direito Internacional.

Nota do editor: na edição de hoje do CP de Porto Alegre, uma reportagem dá conta de que a Rússia mandou recrutas para a guerra na Ucrânia “por engano” e que esses recrutas já estariam sendo “repatriados”. Pergunto: que tipo de exército manda recrutas para a guerra “por engano”? Existe algo de podre nas FFAA russas e elas não tem o poderio que alardeiam. O Ocidente vencerá.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/